

Introdução

No ensaio *Nacional por subtração* (1987), Roberto Schwarz conta que a cultura brasileira desde a independência política sempre refletiu sobre uma identidade autêntica e genuína, que foi interpretada de diferentes maneiras, “por românticos, naturalistas, modernistas, esquerda, direita, cosmopolitas, nacionalistas, etc.” (SCHWARZ, 1984, p. 29). E que na década de 60, lembra o autor, “reinava um estado de espírito combativo, segundo o qual o progresso resultaria de uma espécie de reconquista, ou melhor, da expulsão dos invasores” para que “desabrochasse a cultura nacional verdadeira”. Assim, a cultura baseava-se na eliminação do que não é nativo: “o resíduo, nesta operação de subtrair, seria a substância autêntica do país” (Idem, p. 33), daí o título do ensaio.

A geração seguinte (à década de 60), no entanto, via a cultura estrangeira, que entrava no país por meio dos veículos de comunicação de massa, como natural e o nacionalismo é que começa a parecer esteticamente “arcaico e provinciano”. “Pela primeira vez, que eu saiba, entra em circulação o sentimento de que a defesa das singularidades nacionais contra a uniformização imperialista é um tópico vazio”, afirma Schwarz (Ibidem).

Assim, conclui, ao passo que a internacionalização da economia e da cultura e o desenvolvimento da mídia avançam, as questões de autenticidade e pureza vão perdendo força. No âmbito da comunicação de massa transnacional, nesta “atmosfera global, de mitologia unificada e planetária”, “o combate por uma cultura genuína faz papel de velharia. Fica patente o seu caráter ilusório, além de provinciano e complementar de formas arcaicas de opressão” (Idem, p. 34).

Diante dessa constatação de Schwarz, a velha discussão sobre o papel do escritor brasileiro na construção de um imaginário nacional e do seu compromisso com a representação da cor local, aquilo que atribuiria autenticidade à nossa literatura - da qual participaram José de Alencar com *Benção Paterna* (1872), Sílvio Romero, no ensaio *Machado de Assis* (1897) e Monteiro Lobato com *Ideias de Jeca Tatu* (1919), por exemplo - torna-se para as gerações pós-60 um assunto ultrapassado.

Trago essa questão, de que em tempos de globalização o nacionalismo é uma “velharia”, com a intenção de pensar um tema que muito me interessa e que

ocupou o centro das minhas atenções durante o Mestrado: o da representação da identidade nacional na literatura brasileira. Nas disciplinas cursadas, sempre que possível, direcionei meus trabalhos finais para essa temática, tendo desenvolvido monografias sobre Machado de Assis, Monteiro Lobato, Oswald e Mário de Andrade, sempre trazendo à baila o que esses escritores diziam sobre essa questão.

Essa temática, porém, já havia sido discutida por diversos autores em ensaios, monografias, dissertações e teses. Sendo assim, decidi trabalhar com uma produção literária mais atual, de modo que a minha contribuição pudesse ser de alguma forma original. Por isso, trouxe à pauta um projeto literário recente (em parte ainda em curso), o *Amores Expressos* (Companhia das Letras, 2007), que permite trabalhar com a identidade nacional de outra perspectiva: indagando se este projeto simboliza o fim de um ciclo de representação da nacionalidade e da discussão da identidade nacional na literatura brasileira.

Anunciado pela primeira vez em março de 2007, no jornal *Folha de S. Paulo*, este projeto consistia na viagem de um grupo de 16 escritores nacionais, de diferentes gerações, por um mês, para diversas cidades do mundo, apenas uma delas no Brasil (São Paulo), para escreverem histórias de amor nelas ambientadas.

O empreendimento gerou variadas polêmicas sobre a escolha dos autores (que teria como critério o “compadrio” entre os colegas dos idealizadores – segundo os opositores excluídos do projeto), a escolha do tema do amor (por muitos considerado um clichê) e por um possível financiamento público dos custos editoriais e das viagens. Nada, porém, se disse na imprensa, nos dias em que se seguiram ao anúncio do projeto, a respeito de ele não envolver cidades brasileiras (com a exceção já citada), nem a cultura nacional, o que seria talvez impensável para críticos e escritores românticos e modernistas para quem a representação da nação ocupava o lugar central na produção literária.

A representação de culturas estrangeiras já aparecera em outras narrativas nacionais que vieram a lume recentemente, como *Budapeste* (Chico Buarque, 2003), ambientado na capital húngara, *Mongólia* (Bernardo Carvalho, 2003), que se passa no país homônimo e na China, *Rakushisha* (Adriana Lisboa, 2007), cujo cenário é Kyoto, entre outros romances, que já sinalizavam essa fuga do cenário nacional.

Todavia, até então, essas publicações eram esporádicas e individuais, sendo *Amores Expressos* um projeto coletivo, que pré-determina que se narrem histórias passadas obrigatoriamente em cenários estrangeiros, o que nos levaria a pensar que a representação ‘totalizante’ da nação – tal como concebida nos períodos de consolidação do Estado-nação - não seria mais uma preocupação dos nossos escritores.

Para pensar essas questões, no capítulo primeiro - *A escrita da nação* - farei uma breve revisão bibliográfica baseada em textos de Ernest Renan, Benedict Anderson, Homi Bhabha, sobre como na história das literaturas nacionais os escritores tiveram o papel de inventar a nação - não porque ela fosse uma mentira, mas porque ela depende de atos coletivos de imaginação, expressos por meio da literatura e de jornais (FIGUEIREDO, 1999, p. 74).

Em seguida, no tópico *A invenção da nação na literatura brasileira*, a partir de textos de Afrânio Coutinho, Antonio Candido, Eneida Leal Cunha e Vera Follain de Figueiredo¹, procurarei mostrar de maneira resumida como os escritores nacionais se apropriaram da missão de narrar a pátria e as transformações que se sucederam do romantismo ao modernismo, até as esporádicas manifestações na literatura da segunda metade do século XX, época em que, como ensina Vera Follain de Figueiredo, a missão de organizar o imaginário nacional é novamente assumida pela narrativa cinematográfica (Idem, p.78) e pela TV, como lembra o orientador dessa pesquisa, Renato Cordeiro Gomes, no artigo *Matrizes Culturais e formatos industriais* (2006).

No tópico seguinte, *A Globalização ou a desinvenção da nação na literatura brasileira*, procurarei sintetizar, ainda com a ajuda do raciocínio de Vera Follain, entre outros especialistas em Estudos Culturais, como os rumos tomados pelo capitalismo no final do século XX e início do século XXI, “tendem a tornar a nação, tal como concebida pela modernidade, uma ficção desnecessária” (FIGUEIREDO, 1999, p.74).

Veremos como em tempos de globalização, os Estados-nacionais perdem sua autonomia cultural, ficando difícil definir o que é local e o que é global. Como afirma Renato Ortiz, “a cultura sempre esteve enraizada no meio físico que a

¹ *A tradição afortunada*, COUTINHO, 1968; *Nacionalismo Literário e Literatura e Cultura de 1900 a 1945*, CANDIDO, 2006; *Literatura e identidade*, CUNHA, 1997-98; *Central do Brasil – em busca da terra prometida*, FIGUEIREDO, 1999.

envolvia”, mas agora, a “mundialização” rompe esta relação entre cultura e espaço físico. Assim, há uma desterritorialização dos bens culturais, que consumidos no mercado global se afastam muitas vezes de suas raízes nacionais (Ortiz, 2002).

No capítulo segundo, *Amores Expressos e a patrulha literária*, tratarei da recepção do projeto no meio cultural, apresentando algumas reportagens e comentários em blogs de escritores e jornalistas especializados em literatura, de modo a mostrar como as atuais discussões sobre a literatura brasileira nada têm a ver com a representação da nação e da identidade nacional e acabam girando em torno dos benefícios concedidos aos escritores que participam do *Amores Expressos*.

Em seguida, no tópico *Relatos de viagem e a condição de estrangeiro* comentarei alguns dos blogs² que os escritores do projeto mantiveram – por cláusula contratual – durante suas experiências no exterior, dando destaque aos *posts* mais subjetivos, que refletem sobre a condição de estrangeiro, personagem tão recorrente nas narrativas e filmes americanos recentes (PEIXOTO, 1988, p.363) e agora, em função do projeto *Amores Expressos*, na literatura brasileira.

Em seguida, no terceiro capítulo deste trabalho – *Amores Expressos: narrativas do não-pertencimento* - farei uma análise literária dos três romances do projeto lançados até o momento (janeiro de 2010) pela Companhia das Letras: *Cordilheira* (2008), de Daniel Galera, *O filho da mãe* (2009), de Bernardo Carvalho e *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), de Luiz Ruffato. Para esta tarefa, é relevante perceber a recepção, no calor da hora, dessas narrativas, através de resenhas e entrevistas publicadas na imprensa³.

É interessante perceber que em vez de abordarem o patriotismo, a sensação de pertencimento e enraizamento presentes nas narrativas fundacionais, bem como o amor romântico, estes novos romances vão abordar o seu extremo oposto: o desamparo, a perda de identidade, a busca por um lugar mais ‘habitável’, o amor expresso, e vão revelar um duplo sentimento de ‘não-pertencimento’ – com relação tanto à terra natal quanto ao destino escolhido pelos protagonistas.

Quero ainda ressaltar que este trabalho não tem por objetivo abordar toda a obra de cada um dos autores do projeto, mas sim fazer um recorte das suas

² Os blogs estão reunidos no site do projeto [HTTP://www.amoresexpressos.com.br](http://www.amoresexpressos.com.br)

³ Para a análise de tais romances foi de grande proveito o curso *Leitura de Representações midiáticas II* (COM 2116), proferido pelo orientador dessa pesquisa na pós-graduação em Comunicação, da PUC-Rio, no segundo semestre de 2009.

narrativas no que tange aos sintomas da globalização, como migração em massa, multiculturalismo, desenraizamento, não-pertencimento, identidades em crise – por oposição às questões que marcaram a modernidade, ou seja, a obsessão por fixar identidades, o apego às raízes e os nacionalismos. Procurarei, assim, pontuar a análise do projeto *Amores Expressos* e seus desdobramentos, com algumas discussões sobre a sociedade contemporânea, amparada por textos teóricos ligados aos Estudos Culturais.